

## UM OLHAR PARA O PASSADO EDUCACIONAL DO ZABELÊ: MEMÓRIA E ARQUEOLOGIA PÚBLICA

### A LOOK AT THE EDUCATIONAL PAST OF ZABELÊ: MEMORY AND PUBLIC ARCHEOLOGY.

Sidimar Pereira de Sousa <sup>1</sup>

Mauro Alexandre Farias Fontes <sup>2</sup>

**Resumo:** O trabalho tem por finalidade apresentar um olhar para o passado educacional do Zabelê. O propósito da pesquisa é destacar as narrativas que tratam sobre as memórias da comunidade relacionadas à educação de modo a envolver os atores locais, no intuito de buscar construir de forma coletiva um diálogo acerca da importância da valorização da memória social. A pesquisa foi desenvolvida sobre a comunidade onde ocorreu a desapropriação de moradores que tinham terras dentro da delimitação do Parna Serra da Capivara, especificamente a comunidade Zabelê, no município de São Raimundo Nonato-PI. Neste sentido, estudar os sujeitos é apresentar as coisas narradas pelas memórias, a cultura e a sociedade. Ao discutir o sujeito-objeto, dentro de uma proposta de Arqueologia Pública permitirá mergulhar no contexto social da comunidade Zabelê, descrevendo o passado a partir de um contexto do presente. A inferência apresentou os contextos sociopolíticos que envolvem as narrativas educacionais descrevendo os elementos que compõem a educação desta comunidade. **Palavras-chaves:** Memória; Educação; Comunidade do zabelê.

---

**Abstract:** The purpose of this work is to present a look at Zabelê's educational past. The purpose of the research is to highlight the narratives that deal with the community's memories, related to education in order to involve local actors, in order to seek to collectively build a dialogue about the importance of valuing social memory. The research was carried out on the community where the expropriation of residents who had land within the boundaries of PARNA Serra da Capivara occurred, specifically the Zabelê community, in the municipality of São Raimundo Nonato-PI. In this sense, studying the subjects is to present the things narrated by the memories, to the culture, and the society. By discussing the subject-object, within a Public Archeology proposal, it will allow diving into the social context of the Zabelê community, describing the past from a present context. The inference presented the sociopolitical contexts that involve the educational narratives describing the elements that make up the education of this community. **Keywords:** Memory; Education; Zabelê Community.

---

1 Licenciado em História pela Universidade Estadual do Piauí (Uespi). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). Bolsista da Fapepi. E-mail: sidimarsousa02@gmail.com

2 Docente da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (Ufape) e do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). E-mail: mauro.farias@ufape.edu.br

## Introdução

O presente trabalho lança um olhar para o passado educacional do Zabelê - comunidade que esteve localizada na cidade de São Raimundo Nonato, a aproximadamente 42 km da sede do município. Com foco na Memória e Arqueologia Pública, buscamos ressaltar a importância dos saberes existentes e a valorização das memórias da comunidade, por meio da contextualização da história educacional da comunidade ao longo de sua existência. A discussão tem por objetivo, descrever através de narrativas orais os elementos que fizeram parte do ensino da comunidade apresentando os professores, lugares de memória, e a relação das pessoas com a educação.

A comunidade Zabelê estava inserida no território que hoje pertence ao Parque Nacional da Serra da Capivara, e que durante o processo de desativação as casas foram demolidas, permanecendo intactas apenas uma escola e o cemitério. Hoje os moradores fazem parte de um novo assentamento que foi implantado em 1997.

Ao falar sobre a datação da antiga comunidade a mesma se descreve a partir do ano de 1902, sendo formada pelos irmãos João Bernardo, Antônio Maroto e Manoel Roberto, que adentraram na terra com o propósito de encontrar a maniçoba, produto da atividade extrativista que era de grande valia no estado do Piauí. Sendo estes descendentes do velho Victorino Paes Landim, patriarca da genealogia familiar (Godoi, 1993). Cabe salientar que, com a criação do Parque Nacional Serra da Capivara (em 1978), nove anos depois, em 1987 os moradores foram notificados e tiveram que sair da referida comunidade, e o sistema de ensino foi desativado.

Na comunidade Zabelê apresenta-se como marco temporal da pesquisa a implantação da Unidade Escolar professor Joaquim Domingues fundada no ano de 1969 no período presidencial de Marechal Artur da Costa e Silva, tendo como ministro da educação o professor Tarso Dutra. O governador do estado do Piauí era o Dr. Helvídio Nunes de Barros e seu secretário de educação Padre Balduino Barbosa de Jesus, sobre a gestão municipal de São Raimundo Nonato apresentava-se o então prefeito Newton de Castro Macêdo.

A escolha do tema surgiu no momento em que se realizaram os primeiros contatos com os moradores oriundos da comunidade, onde foram notificados alguns elementos sobre o sistema educacional desenvolvido dentro do espaço onde se encontrava a comunidade Zabelê. O intuito é apresentar as relações de pessoas da comunidade com lugares de memória, a partir do

contexto educacional. Assim, a escola se colocou como um espaço de aprendizado, memória e afeto.

A nossa justificativa se faz à medida em que, ao discutir a memória na perspectiva social da comunidade, temos a possibilidade de adentrar nos elementos que compõem o contexto educacional como também comunitário. Assim, as histórias do grupo e as relações educacionais, criam a ideia de pertencimento, pois, através da cultura material e da memória temos a oportunidade de descrever os saberes desenvolvidos na comunidade Zabelê, em meados do século XX.

Vale destacar, que o prédio escolar se mantém conservado, e, é um dos poucos lugares que foi destruído, com implantação do Parque Nacional Serra da Capivara e se apresenta como lugar de memória, de modo que o mesmo é elemento simbólico para a comunidade, pois, ao visitá-lo as recordações sempre florescem e fazem daquele espaço um ambiente de recordações afetivas.

Por fim, destaca-se que esta pesquisa, se desenvolveu através da utilização de informações orais, buscando identificar memórias referente a lugares que estejam presentes nas lembranças das pessoas entrevistadas. Especificamente, buscou-se descrever experiências educacionais vividas por pessoas da comunidade do Zabelê.

### **Aportes teóricos: arqueologias, memória e educação**

A Arqueologia Pública<sup>3</sup> é um segmento da arqueologia que estuda a relação entre os bens arqueológicos e a sua inserção com as comunidades; por volta de 1980 sua finalidade era realizar um processo de socialização do conhecimento arqueológico, de forma mais intensa, contudo, já se cogitava essa possibilidade através dos defensores do patrimônio ainda no início dos anos de 1920. (Carvalho e Funari, 2007).

Neste sentido, Santana e Borges (2015), fazem a seguinte colocação:

Considerando este contexto, que toca o campo da preservação, da memória, do direito público e privado, questiona-se como pensar em arqueologia pública para estas comunidades, dentro de um campo interdisciplinar? É importante levantar pontos como este, em que se assegure discutir gestão de patrimônio, junto à seguridade da memória das comunidades locais (Santana e Borges, 2015, p. 116).

Assim, nos últimos anos a Arqueologia Pública<sup>3</sup> se apresenta em uma crescente no Brasil, especialmente no que se refere ao engajamento social dos arqueólogos, de modo, a discutir a necessidade de buscar outras formas de proteção aos bens arqueológicos e criar um estímulo de educação patrimonial, uma sensação de pertencimento dos bens arqueológicos a comunidade local, despontando assim uma nova maneira de observar e fazer arqueologia no Brasil e no mundo (Carvalho e Funari, 2007).

Neste sentido, a proposta da Arqueologia Pública, neste trabalho, é promover esse diálogo, onde partimos da memória como um fenômeno norteador para desenvolvimento do conhecimento arqueológico. Portanto, Pollak (1992), caracteriza que memória inicialmente seria um acontecimento individual, e próprio de cada indivíduo, porém, a mesma passa a ser vista também como um fenômeno repleto de mudanças.

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20, 30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (Pollak, 1992, p. 201).

A articulação da memória e a arqueologia sobre as narrativas educacionais que fazem parte da história de comunidades rurais pode nos auxiliar a promover um olhar descentralizado sobre a cultura escolar. Segundo Magalhães (2018), é ver a cultura escolar sobre uma notoriedade, historicidade e materialidade, amparando-se sobre fenomenologia onde constitui e entende como educável e também possibilita uma hermenêutica relacionado à criação de currículo e sua representação.

Para as gerações atuais, a escola é cultura e experiência, mas é também memória e arqueologia. Como refere o autor, a escola questionada, mas a educação precisou (e precisa) instituição foi por diversas vezes da escola, como fica assinalado pela confluência de

---

<sup>3</sup> “O que é uma Arqueologia Pública (AP)? Para o arqueólogo britânico Nick Merriman, a dificuldade encontrada para definir esse campo de atuação da Arqueologia advém da própria complexidade de se estabelecer o que é o público. Para ele, desde o século XIX estamos acostumados a assistir aos financiamentos estatais de trabalhos arqueológicos (Merriman, 2004:3). Motivados pelo interesse de construir e fortalecer identidades nacionais, os Estados vinculavam-se às pesquisas acadêmicas apoiando seus desenvolvimentos, através dos museus ou, posteriormente, das universidades (Bastos e Funari, 2008: 1128). O custeio destas pesquisas com fundos públicos, por si só, poderia transformá-las em algo público” (Carvalho e Funari, 2015)

diferentes variações pedagógicas. (Magalhães, 2018, p. 02)

Para Mageste e Amaral (2022) lidar com as memórias dos atores envolvidos sobre a óptica afetiva possibilita uma nova percepção sobre arqueologia. Assim considera-se como uma virada ontológica nos rumos de pensar a ciências. Segundo os autores, os afetos passaram a ser considerados sobre a ótica de uma arqueologia moderna, embora por um período a mesma tenha acordado sobre uma veracidade material, compartimentada na objetividade, distante das intervenções dos desejos e caprichos humanos, logo se distancia de outras agências.

Assim, a narrativa de memória traz um contexto a partir de uma relação sob uma perspectiva social. A descrição das lembranças sendo objeto arqueológico, e a partir desse objeto, é que são apresentados os fragmentos de um cotidiano, onde afirma-se uma descrição de uma história a partir de um contexto social. Portanto, os fatos narrados recordam um passado das coisas dentro de uma estrutura de recordação.

De acordo com Pollak (1989) apud Ribeiro (2005), a memória pode ser definida como:

(...) operação dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer preservar, “em tentativas mais ou menos conscientes de definir e reforçar sentimentos de pertencimento”. A constituição da memória impõe operações de segregação, a sua manutenção exige a exclusão daquilo que possa contradizer ou contestar a imagem que está sendo formada. Assim, a estruturação da memória coletiva está associada ao contexto social, em particular às lutas políticas. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das principais preocupações dos grupos e indivíduos que dominam sociedades históricas (Pollak, 1989, apud Ribeiro, 2005, p. 14).

Apresentar a contextualização da memória é se permitir adentrar nas múltiplas possibilidades de interpretação. Nora (1993) descreve que as memórias<sup>4</sup>, são lugares que apresentam três sentidos distintos: simbólico, material e funcional, dentro de uma simultaneidade. Nas palavras do autor,

Mesmo lugar de aparência puramente material, como um dispositivo de arquivo, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura

---

<sup>4</sup> É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por um pequeno número, uma maioria que deles não participou (Nora, 1993, p. 22).

simbólica. Mesmo lugar puramente funcional como manual de aula, um testemunho, uma Associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para chamada da concentrada na lembrança. (Nora, 1993, p. 21)

Para Le Goff, (1990, p. 366), “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

### **Metodologia**

Tendo em vista os objetivos e em diálogo com o referencial teórico e a questão norteadora deste estudo, apresenta-se nesta seção o percurso metodológico, evidenciando: o tipo de pesquisa, a abordagem metodológica, os instrumentos para coleta e análise dos dados e os sujeitos que participaram da pesquisa.

A presente pesquisa é de caráter bibliográfico, documental, exploratória e descritiva. Tendo como procedimento metodológico para análise e coleta dos dados, uma abordagem quali-quantitativa. Para Minayo (1993, p. 247) “o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente e vice-versa”.

Para a coleta de dados, realizou-se uso de entrevistas semi-estruturada, para Manzini (1990/1991:154), este tipo de entrevista está focalizado em um assunto sobre o qual se confecciona um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias da entrevista.

Desse modo, o percurso metodológico deste trabalho foi organizado em duas etapas a citar: no primeiro momento foi realizado um levantamento bibliográfico e documental acerca dos principais trabalhos já realizados sobre a comunidade do Zabelê e textos atinentes ao nosso referencial teórico.

Deste modo, a seleção e análise dos conteúdos, possibilita a leitura de documentos voltados para a gestão patrimonial e comunidades, de modo que nos permitiu realizar fichamentos,

sínteses, com propósito de melhor compressão de informações a respeito da temática, como o objetivo de melhor interpretação de fatos.

A segunda etapa da pesquisa teve como norte o levantamento das concepções acerca da arqueologia e educação, assim como as principais expectativas da comunidade sobre as memórias da comunidade. Nesta fase, utilizamos como metodologia de pesquisa a coleta de informação por meio da História Oral.

Para tanto ressaltamos que, a pesquisa em história oral é um procedimento, um caminho para produção do conhecimento; de maneira que o passado reproduz, através de narrativas, a dinâmica da vida pessoal em vinculação com processos coletivos. Criando ao longo do tempo uma memória construída por lembranças de famílias, tradições, histórias escutadas e registradas e vivências na comunidade (Delgado, 2010).

Tendo como estratégia a história oral, destacamos algumas etapas:

- Organização de roteiro de maneira a evidenciar as concepções, assim como elucidar as expectativas da comunidade frente a pesquisa em questão.
- Análise e síntese do roteiro com as questões produzidas e realização da entrevista.
- Sistematização e análise das entrevistas que compreendeu três estágios, a citar:
  - a) Transcrição das entrevistas: objetivando, reproduzir na íntegra todos os depoimentos, sem supressões nem acréscimos;
  - b) Conferência dos escritos, buscando obter alto nível de confiabilidade;
  - c) Análise e discussão das entrevistas.

Buscando dialogar com os estágios supracitados, a nossa pesquisa elegeu a categoria de entrevistados as lideranças comunitárias, que foram residentes da antiga comunidade Zabelê.

Nesta segunda etapa, trabalhamos no tratamento das informações coletadas tanto através da revisão bibliográfica e documental quanto na realização de entrevistas, registrando as memórias comunitárias voltadas para educação, também com foco na arqueologia pública, e das pesquisas realizadas na área de estudo.

A transcrição das entrevistas possibilitou um aprofundamento sobre os acontecimentos relacionados à educação da comunidade Zabelê. Assim, ao transcrever as entrevistas damos visibilidade aos fatos, registrando as memórias que podem servir como documento para futuras pesquisas relacionadas a esta problemática.

Nesta pesquisa utilizamos como base no trabalho de campo 4 colaboradores que gentilmente concederam entrevistas, sendo eles: Iva Parente, Irinete Parente, Paulo Dias e Abdias Macêdo, que enfatizaram como funcionava a educação na referida comunidade.

### **Zabelê: memória e educação**

Ao falar sobre a história do contexto educacional na comunidade Zabelê, observa-se que o mesmo se apresenta nas relações através das memórias. E nesse contexto os testemunhos são as bases da compreensão do passado educacional da comunidade através da história oral. Fazendo referência ao ensino desenvolvido a imagem a seguir (Figura 1) apresenta a localização geográfica da comunidade Zabelê tendo como referência a escola e os vestígios das casas que existiam, hoje a escola é o local que se encontra preservado, e simbolicamente faz parte do imaginário coletivo das pessoas da comunidade Zabelê quando se refere a educação desenvolvida em seu território.

Narrativas sobre as formas tradicionais de construção de conhecimento e ensino na comunidade Zabelê, podem ser vistas no trabalho de Godoi (1993), especialmente quando a pesquisadora dialoga com o senhor Vitorino<sup>5</sup> morador da comunidade, a respeito dos saberes locais. Indagada por ele sobre o desenvolvimento do aprendizado, o mesmo enfatizou que as formas de se interpretar as coisas podem ser caracterizadas dentro das particularidades e que cada um tem sua maneira de entender e fazer as coisas. Nas palavras apresentadas pela autora em entrevistas com o senhor Vitorino, saberes não se limitam somente às práticas educacionais formais e pré-estabelecidas no sistema escolar.

---

<sup>5</sup> O senhor Vitorino, que foi entrevistado por Emília Pietrafesa de Godoi, era morador da comunidade Zabelê no período das pesquisas realizadas na década de 1980, descendente do velho Victorino Paes Landim.

Cada um interpreta de um jeito, que se fosse tudo de um jeito só...assim tudo é interpretação do povo: aqui eu planto a mamona assim. Lá fulano planta de outro jeito. Aqui vocês chegam e tem que aprender tudo, todo movimento daqui vocês ensinam muito pra gente, mas aprendem muito também. Um sabe por um lado e o outro sabe pelo outro (Godói, 1993:40).

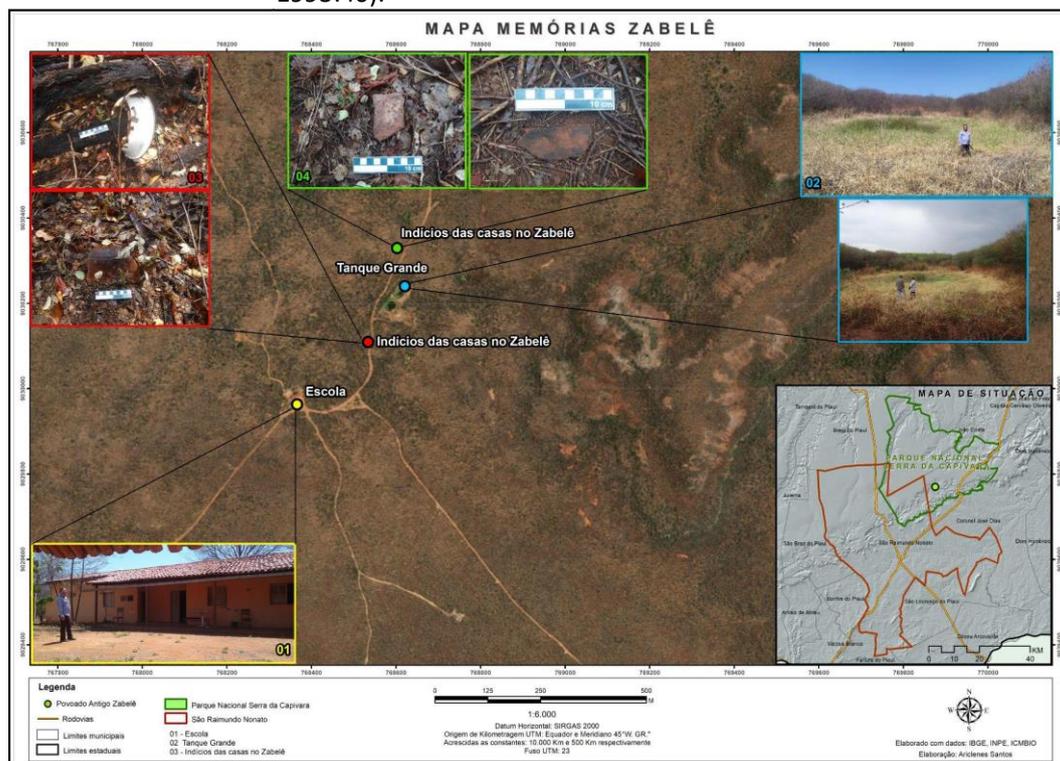


Figura 1: Imagem, localização geográfica da comunidade Zabelê. Fonte: Arquivo pessoal, Sidimar Sousa (2023)

Os diálogos entre pesquisadores e membros da comunidade, podem ser compreendidos como troca de aprendizado, pois cada um ao seu modo promove o conhecimento. A constatação de que o ensino e aprendizado se desenvolvem tanto na escola como no dia a dia das comunidades, cria transmissão dos saberes possibilitando a consolidação de uma sociedade plural em sua diversidade de ensino.

Portanto, fazendo referência ao ensino desenvolvido no antigo Zabelê, apresentamos a imagem a seguir (Figura 2), contendo alguns dos primeiros registros do desenvolvimento educacional na comunidade.



Figura 2. Foto da comunidade Zabelê no feriado de 07 de setembro. Fonte: Fonte: Arquivo pessoal, IVA, Parente

Segundo o senhor Paulo Dias, morador da comunidade, o espaço escolar acima era a residência do senhor Gonçalo Miranda e destaca que a casa deste proprietário era um dos primeiros locais onde realizava as atividades escolares na comunidade pois ainda não existia o prédio municipal. O período desta foto, segundo Irinete Parente, está relacionado ao feriado de 7 de setembro, mas não se recorda o ano. Menciona que o rapaz que está segurando a bandeira do Brasil era conhecido como Senhorão. Ainda no que se refere este período, Iva Parente, irmã de Irinete Parente, complementa decrescendo parte dos alunos que possivelmente se encontravam na foto.

Então essa foto na na casa grande é minha mãe já era professora aí era a casa do meu avô Gonçalo que morava aí onde é a casa tu lembra da casa de Manoel Gonçalo, da Rosilda, pois ela era de meu avô Gonçalo e essa foto aí é na casa grande, ali não era na escola ainda, não existia o colégio construído, mas, minha mãe já era professora. E esses alunos aí é a geração do Senhorão, a Tonha do Abel, a Elsa, o Jacinto, dessa geração aí, é esse pessoal mais velho, então é a Terezinha, a Terezinha vai estar nessa foto eu não tô lembrando o nome de todo mundo agora, mas é esse povo aí. A minha mãe tá aqui nesse lado esquerdo, essa de branco, era a professora, o porta-bandeira é o Senhorão, aí a geração dele.

Segundo Iva Parente, a comunidade teve em seu contexto educacional os professores mencionados: Maria Gonçalves, José Clementino, Elzair, Zilda, Socorro, Nega Belizário. Nossa colaboradora recorda destes nomes, porém não tem precisão do período de atuação dos mesmos. A seguir apresenta-se uma foto da nova escola da comunidade Zabelê, um local que se encontra preservado, e simbolicamente faz parte do imaginário coletivo das pessoas da

comunidade Zabelê quando se refere à educação desenvolvida em seu território. A figura 3 apresenta um grupo de estudantes em frente ao prédio escolar.



Figura 3: Foto da comunidade Zabelê durante o período letivo Fonte: Fonte: Arquivo pessoal, IVA, Parente

Segundo Iva Parente, essa foto é do seu tempo de estudante, ela destaca que: “nossa geração aí eu não deu para mim localizar ninguém que tá muito ruim a foto mas ela já é a nossa geração. Acho que o Salvador tá nela e os meninos tem um monte aí que é da minha geração para cá”. Embora nesse período já exista o prédio escolar erguido nas condições adequadas para o exercício das atividades educacionais. Nossa colaboradora retrata um período anterior a este que com dificuldade voltado para o exercício educacional.

Na época que eu estudava só tinha um balcão e o resto tava no chão mesmo minha mãe era quem limpava ela era merendeira a zeladora e a professora ela limpava buscava água lavava e nós deitava no chão lá escrevendo todo mundo aprendendo com ela e tinha um quadro esse tinha, mas aí o nome da minha mãe a Maria Gonçalves de Miranda que era a professora

Dialogando com os colaboradores, eles enfatizaram a importância do ensino para a comunidade. Os moradores narram como era o acesso à educação, sendo que diálogos destacaram elementos bastantes relevantes no que diz respeito à memória da comunidade. A nossa colaboradora a senhora Iva Parente, educadora, filha de Maria Gonçalves, destaca:

E assim, além da questão da alfabetização que era minha mãe foi a primeira né professora e a sala dela tinha a multisseriado que é de primeira quarta série na sala só o menino tava lá porque cada um não ser

a mesma professora depois entrou outras professoras a tia Elzair a Zilda, Socorro, que eu me lembro, acho que a tia Nega Bilizaro, também teve um tempo que foi professora Mas elas foram depois já vem depois que minha mãe era aí já dividia né primeiro segundo terceiro e quarto com professor diferente.

Nossa colaboradora, a senhora Iva Parente, faz menção às atividades educacionais desenvolvidas na comunidade tendo como princípio o acesso ao ensino, tanto, por parte das crianças, como também de adultos. Para além deste, em nosso diálogo, ela nos conta como funcionava o sistema de ensino, fazendo referência a uma educação inclusiva, colocando o ensino como algo sagrado, e necessário para todas as pessoas, e que os professores tinham essa preocupação. Na fala da nossa colaboradora:

Quando chegava na época da matrícula todas as crianças em idade de estudar eram matriculadas e frequentavam. E eu tava lembrando essa semana, hoje, que além desses ainda os que eram especiais, eles também eram matriculados e frequentava a mesma escola, a mesma sala que os normais, os dito normais. Você pode ver com a tia senhora que ela tinha um filho especial que era o Manoel e a Ivanete da mãe Rufino que era da Irene na verdade só que mãe Rufina que criou, ele frequentaram a mesma escola com a gente e eles eram especiais, em modo diferente mas também estavam lá aprendendo normal, todos eram matriculados, a minha mãe anunciava, os pais iam lá em casa faziam as matrículas das crianças todas e dados escolar e dá a partir dali minha mãe exigia que os pais fizessem logo a certidão de nascimento e eles vinham faziam e era matriculados então era um povo que era alfabetizado.

A imagem fotográfica a seguir (Figura 4) ilustra o sistema escolar desenvolvido na comunidade Zabelê. Esta fotografia tem como temporalidade, o início dos anos de 1980. Na identificação das fotografias, vale destacar que, no primeiro contato com este objeto, causou-me um misto de sentimento, emoção, alegrias, curiosidade, pois fiz o reconhecimento de dois irmãos, onde a simplicidade deste ambiente me fez familiar e repleto de significado.



Figura 4: Fotografia da sala de aula com alunos e corpo docente da Comunidade Zabelê. Fonte: Arquivo pessoal, Neusa, Belisário, (2023).

A foto é um retrato do modelo pedagógico desenvolvido com cadeiras enfileiradas, as vasilhas que são utilizadas para alimentos, expressões corporais das pessoas, destacando as carteiras que eram feitas de madeira. Outra observação, é que naquele exato momento estava ocorrendo o lanche, e o mesmo era acompanhado pelo corpo docente. Dentre os profissionais foi possível reconhecer a professora Elzair, que está usando uma camiseta com a manga em cor escura. Dentre as crianças fiz o reconhecimento dos meus irmãos, Raimunda e Edmilson que estão juntos na primeira cadeira à frente.

No que se refere aos professores, em um encontro casual nos deparamos com a professora Socorro, que atualmente mora no estado de Goiás, a mesma atuou como docente da comunidade Zabelê, na década de 1980. A imagem a seguir (Figura 5) faz referência a esse momento.



Figura 5: Fotografia com a professora Socorro na comunidade Novo Zabelê. Fonte: arquivo pessoal: SIDIMAR, Sousa (2023)

A professora Socorro teve sua atuação na comunidade Zabelê na década de 1980, lecionando na segunda série do primeiro grau, o que é equivalente ao 3º ano do ensino fundamental I atualmente. Este encontro se deu no momento em que estávamos apresentando um trabalho sobre história e memórias do Zabelê, em um evento na comunidade Novo Zabelê.

Outra atividade educacional na comunidade Zabelê foi o Movimento Brasileiro de Alfabetização, Mobral<sup>6</sup>, nossa colaboradora a senhora Iva Parente destaca que o seu pai foi o primeiro professor, "meu pai, ele matriculou os adultos e à noite ele dava aula para eles, assim que começaram a estudar à noite". Outra atividade desenvolvida com o intuito da promoção do

---

<sup>6</sup> O Movimento Brasileiro de Alfabetização - Mobral - surgiu no dia 15 de dezembro de 1967, de acordo com a Lei nº 5.379, quando o governo assumiu o controle da alfabetização de adultos voltando-a para a faixa etária de 15 a 30 anos. Meses depois, foi designada a comissão que seria encarregada de elaborar os estatutos da instituição, (Beluzo, 2015, p. 200).

ensino no processo formador de profissionais na comunidade foi o Projeto Logos<sup>77</sup> que se desenvolveu em três módulos. Como destaca nossa colaboradora Iva.

O governo na época fez o Logos, era para os professores leigos e ela fez o Logos I e o Logo II e o Logos III que era correspondente ao Magistério. Já é um curso superior de Magistério, minha mãe fez, ela se formou, então era ela, era um alfabetizadora formada, ela vinha, estudava. Eles dava os módulos, ela estudava e vinha fazer a prova quinzenal aqui em São Raimundo.

Ainda no contexto, nossa colaboradora relaciona a educação como uma conquista e independência, pois, o ato das pessoas saberem escrever, assinar o nome, era um sinal de sabedoria, e orgulho para comunidade, pois a comunidade de modo geral exerce a cidadania. “A admiração do pessoal lá, que o povo do Zabelê votava e assinava o nome, não botava o dedo porque entre essas comunidades que a gente vê lá o analfabetismo era praticamente erradicado zero principalmente nas gerações de 70 para cá”. A imagem a seguir apresenta os dados referentes à implantação e instalação da unidade escolar da comunidade Zabelê. Nossa colaboradora Iva Parente havia mencionado sobre a educação na década de 1970, e fazendo referência do período em que se institui a escola na comunidade sendo no ano de 1969. Na imagem a seguir (Figura 6) a nova configuração do espaço escolar como símbolo da educação desenvolvida na comunidade e também sinal de resistência, pois é um dos poucos espaços que não foi destruído com a implantação do Parque Nacional Serra da Capivara.

A referida Unidade Escolar Professor Joaquim Domingues fundada no ano de 1969 no e desativada em maio de 1989 (Figura 7), período em que todos os moradores foram desapropriados da comunidade.

---

<sup>7</sup> “Na década de 1970, foi implantado o Projeto Logos II em alguns estados do Brasil, com objetivo de formar professores não habilitados que estavam atuando em sala de aula nas quatro primeiras séries do 1º Grau. Em regime emergencial, esse programa habilitava em nível de segundo grau e magistério, trabalhava com o ensino a distância no sistema modular”, (Gouveia, 2019, p. 06).



Figura 6: Fotografia da escola da comunidade Zabelê. Fonte: Arquivo pessoal, ROSEMARY, Aparecida (2023).



Figura 7: Fotografia da placa de inauguração da escola, comunidade Zabelê. Fonte: Arquivo pessoal, ROSEMARY, Aparecida (2023).

No tocante a esse período, nossa colaboradora manifesta que a preocupação com a educação é compreendida como de longa data, e José Clementino sendo uma pessoa à frente do seu tempo principalmente quando se fala alfabetização na comunidade Zabelê, pois para ele a educação era possibilitar a construção de saberes e também de independência.

O nome do meu pai era José Clementino Alves Parente. aí ele foi nessa época, ele matriculava os adultos para ensinar a ler e escrever através do Mobral e ele trabalhou muito tempo com isso ele alfabetizou praticamente todos que quiseram lá os adultos ensinou eles a escrever o nome né porque era interesse da época que todos aprendessem a votar.

O que José Clementino havia pensado na comunidade Zabelê, sobre a alfabetização, como algo essencial para a comunidade, embora com suas particularidades que o tempo lhe ofertará, Mageste e Amaral (2022), observam que, com a implantação da Universidade Federal do Vale do São Francisco - Univasf, cria-se possibilidade de qualificação profissional para o mercado de trabalho para os moradores da região nos anos 2000, de modo a permitir a descentralização do ensino. Ato este, também compreendido como uma necessidade de formar profissionais com qualificação para o mercado através do ensino superior. O fator convergente entre os dois tempos é a educação sendo o elemento transformador.

Ainda sobre contexto educacional, em entrevista com o senhor Abdias Macêdo, 64 anos, ele descreveu em detalhes o trabalho realizado na produção de um rádio no ano de 1982, quando ele menciona ter ouvido na rádio Nacional a existência de um curso a distância, através do Instituto Universal Brasileiro. O curso seria via correspondência, de modo que a inscrição fosse realizada pelo correio, onde o interessado enviaria uma carta na qual descrevia o tipo de curso, e na época era ofertado o curso de montador de rádio, conserto, entre outros. Conforme o nosso colaborador Abdias Macêdo:

Então eu me matriculei lá, no curso né, e aí o pessoal mandava os livrinhos os folhetos tudo né, aí após ali uns seis meses que eu estudava eles começaram a mandar as peças ou seja os componentes né e eu tô montando né e aí quando sei que quando eu sei que montei a última peça, eu, mas o mais difícil não era isso aí mais difícil era fazer a montagem porque não tinha energia para ligar para o ferro elétrico para soldar as peças eu esquentar o ferro que eles mandaram o ferro mas eu não tinha como em quer ligar entendeu aí eu acendia o fogo lá esquentava o ferro no fogo, soldava certo, aí soldava as peças e aí esfriado já tinha que esquentar de novo pra soldar outra entendeu, aí eu sei que terminei soldei tudinho montei tudinho quando eu montei a última peça coloquei

as pilhas quatro pilhas grandes lembro como hoje bati aqui na chave do Rádio sintonizei aqui na rádio Sociedade da Bahia que já tocou aquela música de Marcos Sabino naquele tempo, reluz, soltando a luz que reluz seu olhar, aí foi só alegria.

A imagem a seguir apresenta o certificado concedido ao senhor Abdias Macêdo, que para além das atividades laborais do dia a dia, tinha preocupação no que diz respeito à formação e qualificação. Embora com as dificuldades que o tempo lhe oferecia, ele realizou esse curso de montador de rádio no ano de 1982, através de um curso realizado por correspondência.

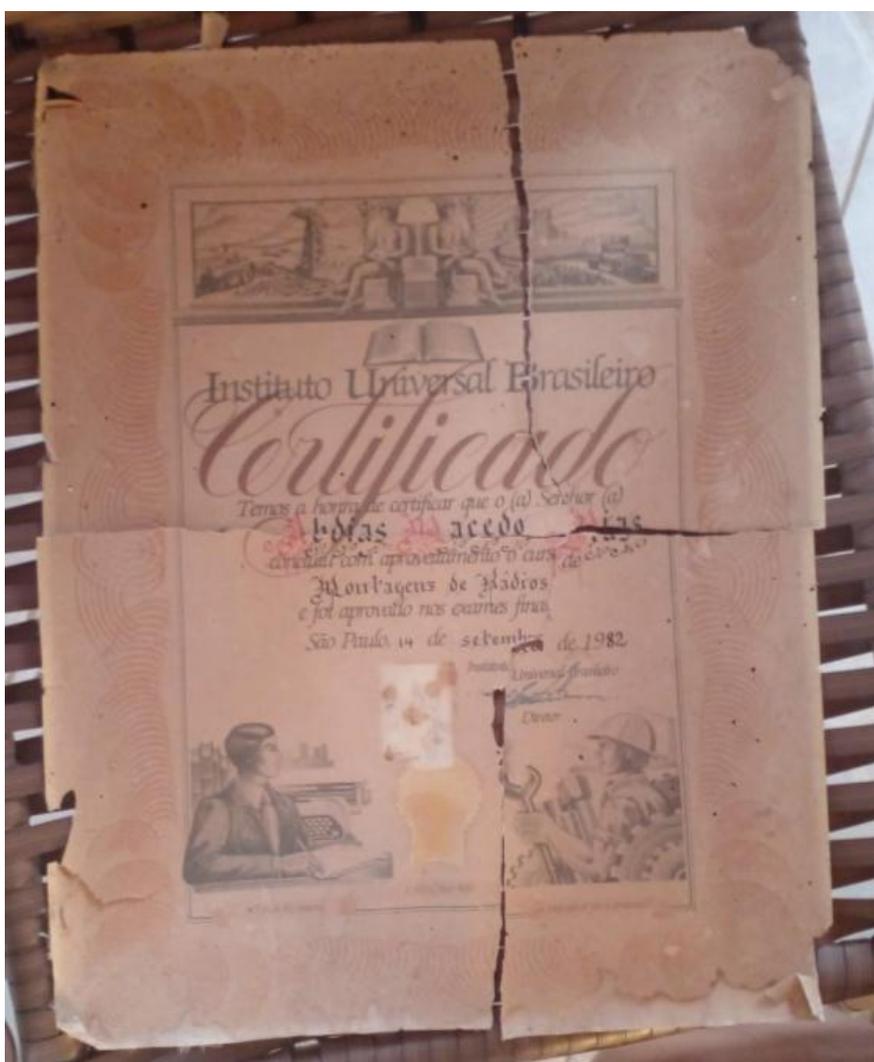


Figura 8: Certificado de montador de rádio no ano de 1982, Comunidade Zabelê. Fonte: Arquivo pessoal: ABDIAS (2023).

Esse certificado é carregado de sentimento e retrata que para além das atividades agrícolas as pessoas buscavam outras formas de sobrevivência. Apresentado pelo nosso colaborador, o certificado caracteriza-se como um sinal de que as pessoas da comunidade buscavam para além das atividades agrícolas uma qualificação profissional. Outra colaboradora, também faz referência a continuidade dos estudos na cidade. Iva Parente destaca:

E aí quando cessava o ensino lá os pais colocavam para estudar aqui, muitos fizeram isso, alguns fizeram, e os filhos foram para frente é tanto que hoje na nossa família, nós podemos contar com várias áreas: tem advogados, dentistas, engenheiros, praticamente todas as profissões e tudo isso porque teve uma base lá atrás

Neste sentido, outro colaborador, o senhor Paulo Dias, 76 anos, mencionou que ao finalizarem os estudos na comunidade os pais se preocupavam em mandar seus filhos para a cidade com o propósito de dar continuidade aos estudos, pois apenas existiam as séries iniciais, o que corresponde ao ensino fundamental I. Na fala do senhor Paulo Dias, vale destacar o entendimento sobre a educação como algo contínuo, embora a comunidade Zabelê não disponibilizasse ginásio, o que é equivalente ao Ensino Fundamental II atualmente.

A educação no Zabelê era um pouco boa, ela evoluiu sempre, mas as pessoas só estudavam até a quarta série do ensino fundamental. Depois da quarta série em diante a gente tinha que procurar, se fosse coisa que a gente pudesse tinha procurar ir para São Raimundo para poder dar um ensino melhor, estudar o ensino médio, fazer alguns cursos, e justamente dói assim que eu fiz com meus filhos que chegou o ponto de estudar lá, como bem o Vilmar estudou um pouco, fez o ensino médio completo, quer dizer dia por dia é que não deu mais para estudar, aí ficou só no ensino médio mesmo. Tem a Socorro que veio também, ela estudou bastante aqui o ensino médio. Não chegou a concluir porque depois ela desistiu mesmo. Mas melhorou a situação dela bem, ainda um tanto bom que dá para ir se mantendo com as leituras dela aí, do jeito que ela pode apresentar. Eu fiz isso aí porque era necessário, uma coisa que a gente precisava e estudar pra poder uma embora no Zabelê tivesse o ensino, mas não era um ensino completo. Aí a gente tinha que sair para poder completar porque lá não tinha essas aulas.

Ainda no que diz respeito à fala do nosso colaborador, a educação do Zabelê era boa só que em um determinado momento era necessário fazer outros cursos na cidade, pois a antiga comunidade não ofertará o ensino completo. Portanto, essas narrativas fizeram parte do contexto educacional, sendo vivências desses colaboradores ao longo da existência da comunidade.

## Considerações Finais

Ao pensar a pesquisa que nos propomos a desenvolver sobre a comunidade Zabelê, a inferência a respeito das memórias da comunidade é atravessada pela implantação da escola, tendo como referência o desenvolvimento do Mobral, do Logos, programas oriundos do governo federal durante a década de 1970. A educação desenvolvida na escola criou um espaço de aprendizado onde se apresentou uma coesão de grupo, direcionado para um sentimento de pertencimento que é retratado através de uma memória social.

Outro ponto que vale destacar, é que o ensino era promovido com o objetivo de contemplar todos os membros da comunidade. A senhora Iva uma de nossas colaboradoras enfatiza que a pessoa com algum tipo de deficiência também tinha acesso à educação. Este ato é um sinal que as pessoas cultivavam o ensino como prioridade. Vale destacar ainda que as pessoas não paravam ou se acomodavam, pois, os pais enviavam seus filhos para a cidade para dar continuidade nos estudos, devido, o ensino fundamental II não ter sido implantado ainda na comunidade.

Notificou-se que o senhor José Clementino foi quem ministrou o Mobral, e, entendia a educação como possibilidade do desenvolvimento comunitário. Esse pensamento também é exaltado anos depois pelos pesquisadores Mageste e Amaral (2022), que veem na qualificação profissional como um aspecto transformador para as comunidades, que se encontram no território Serra da Capivara com a implantação da instituição Univasf.

## Referências

BELUZO, M. F. 2015. O Mobral e a alfabetização de adultos: considerações históricas. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, v.2, n.1, p.196-209.

CARVALHO, A.V.; FUNARI, P.P.A; 2007. Arqueologia e Patrimônio no século XXI: As perspectivas abertas pela arqueologia pública. In: *III Encontro de História da Arte – IFCH / Unicamp*. Unicamp: Campinas, n.3, p.133-140.

DELGADO, L. de A. N. 2010. *História oral: memória, tempo, identidade*. Belo Horizonte: Autêntica.

GODOI, E. P de. 1993. *O trabalho da memória: Um estudo antropológico de ocupação camponesa no sertão do Piauí*. Dissertação (mestrado em em Antropologia), Unicamp: Campinas.

GOUVEIA, C. T. G. de. 2019. *A proposta nos módulos do projeto LOGOS II e a prática docente do professor-cursista em Rondônia*. Tese (doutorado em Educação), Unesp: Rio Claro.

LE GOFF, J. 1990. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp.

MAGALHÃES, J. 2018. Resenha de Escola no Benito: A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia. *Revista Brasileira de História de Educação*, v. 18, p.2 -6.

MAGESTE, L. E; AMARAL, A. de M. 2022. As arqueologias afetivas na produção discente da Universidade Federal do Vale do São Francisco: desdobramentos históricos e interfaces teóricas na construção da Arqueologia no Sudeste e Sudoeste do Piauí. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 17, n.2, p. 1-33.

MANZINI, E. J. 1990/1991. A entrevista na pesquisa Social. *Didática*, v.26/27, p. 149-158.

MINAYO, M. C de S (Org). 1993. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.

NORA, P. 1993. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 10, p.7 - 28. Disponível em: [revistas.pucsp.br](http://revistas.pucsp.br). Acesso em: 11/07/2023.

POLLAK, M. 1992. Memória e identidade social. *Revista estudos históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-215.

RIBEIRO, A. L. R. 2005. *Memória e identidade: reformas urbanas e arquitetura cemiterial na Região Cacaueira (1880-1950)*. Ilhéus: Editus.

SANTANA, J. O. de; BORGES, J. F. 2015. Sociedade, Arqueologia e Patrimônio: As relações de pertencimento da Comunidade Zabelê com a área arqueológica do Parque Nacional Serra da Capivara (PNSC). *História Unicap*, v. 2, n. 3, p. 108-121.